

A EMERGÊNCIA DO LUGAR NO CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

Antonio Angelo Martins da Fonseca
Prof. Univ. Est. F. de Santana/UEFS e doutorando em
Geografia/UFRJ. E-mail: aangelo@tutopia.com.br.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir as noções de lugar no contexto da geografia, tomando como referência duas abordagens recentes e distintas que prevalecem atualmente. A primeira, vinculada a corrente humanista, que interpreta o lugar como expressão de vivência; e a segunda abordagem, mais relacionada à geografia crítica, que considera o lugar como expressão geográfica da singularidade. Estas duas abordagens, apesar da amplitude temática que abarcam, deixam poucas margens para considerar os contextos do lugar nos quais ocorrem os fenômenos, em termos institucionais e políticos.

Palavras chaves: lugar, singularidade, globalização e vivência.

SUMMARY

The main objective of this article is to discuss notions of place in geographical context, taking as reference two recent and distinct approaches that currently prevail. The first, related to the humanistic approach which interprets place as existence of living expression; and the second approach, more related to the critical geography that considers place as a geographical expression of singularity. In spite of the thematic width that they encompass, these two approaches leave few margin to consider the context of place in which these phenomena take place, in institutional and political.

Key Words: place, singularity, globalization, living space.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO

No contexto da evolução da Geografia, as concepções de região, paisagem, território, espaço e lugar são chaves. Dentre estes, o menos elaborado é o de lugar, que apesar de não ser novo, só a partir dos anos de 1970, começou a ser redescoberto e receber maior destaque por parte dos geógrafos na perspectiva de auxiliar na compreensão das atuais transformações da sociedade e do espaço em decorrência do processo de globalização. Assim como os outros, o lugar é susceptível de controvérsias em virtude dos variados sentidos que apresenta, tanto no senso comum como nos estudos acadêmicos.

De fato, em HOLANDA (1987), por exemplo, são apresentadas, pelo menos, 18 significações concernentes ao termo lugar. Espaço ocupado, ponto de observação, esfera, roda, posição, classe, categoria, tempo, folga, direção e trecho são alguns dos sentidos encontrados. Como se percebe, é um termo que se manifesta em variadas significações, inclusive, sendo confundido com espaço e tempo. Para OLIVEIRA (1983), lugar é igual a posição que, por sua vez, significa a localização de um ponto em relação a um sistema de referência. Neste caso, lugar seria a posição absoluta definida por paralelos e meridianos, por exemplo. Uma conotação mais abrangente aparece em SILVA (1961) onde, dentre outras coisas, lugar significa sítio, onde se ergue um número de casas, que constitui aldeia, povoação, localidade. Tem uma pequena dimensão espacial e se aproxima da etimo-

logia da palavra propriamente dita, que vem do latim *Locale* = local. Dessa forma, lugar e local são denominações que se aproximam, se referindo, portanto, ao menor, ao que está próximo.

Na Geografia, o entendimento do referido termo também é rodeado de controvérsias. Normalmente é usado como sinônimo de local, área, ponto ou espaço. Para AGNEW (1987), o lugar é constituído por três elementos: *locale* (local), como sendo o marco onde são estabelecidas relações sociais; *location* (localização) que é a área geográfica que abrange o marco para interação social definido por processos sociais, econômicos mais amplos; e *sense of place* (*senso de lugar*), que corresponde a construção do sentimento local. A Geografia Econômica tende a enfatizar a *location*; a Geografia Humanista concentra-se mais no *locale*; e a Geografia Cultural no *sense of place*.

Mesmo assim, é possível interpretar o lugar no contexto da Geografia, tomando como referência duas distintas e recentes abordagens¹: a primeira, relacionada com a Geografia Humanista, valoriza o caráter intencional, experiencial e afetivo, pelo qual o indivíduo ou grupo de indivíduos estabelece laços de identidade com uma porção do espaço. O lugar é entendido como expressão de *vivência*; e a segunda abordagem, ligada a tra-

¹ Em recente trabalho, FERREIRA (2000), considerou que além destas duas abordagens (ou acepções), uma terceira começa a se configurar através de trabalhos recentes na qual o lugar é entendido como expressão das tensões da modernidade.

“... os geógrafos humanistas reagiram contra a visão mecanicista e determinista da Geografia teórica...”

dição crítica ou radical, que começam a considerar o lugar como chave para a compreensão das transformações concretas engendradas pelo progressivo processo de globalização. Neste caso, o lugar é interpretado como expressão geográfica da *singularidade*.

Como se percebe, as controvérsias são muitas. Portanto, o objetivo deste artigo é o de discutir as noções de lugar tomando como referências as duas abordagens identificadas acima, destacando as diferenças contidas em cada uma delas. Para tanto, este artigo está dividido em três partes, mais a conclusão: a primeira, já exposta, corresponde a introdução e objetivo, contendo significações de lugar que apontam para o seu aspecto polissêmico; na segunda, serão tecidas considerações sobre a abordagem que valoriza a expressão de vivência; na terceira parte, se discutirá o lugar como expressão de singularidade; e por fim, a conclusão.

1. O LUGAR COMO EXPRESSÃO DE VIVÊNCIA

Dando ênfase ao significado, aos valores, à experiência, ao vivido, os geógrafos humanistas reagiram contra a visão mecanicista e determinista da Geografia teórica, como, também, das várias correntes geográficas anteriores, que negligenciaram o voluntarismo e a subjetividade². É uma reação à objetividade racionalista e por isso o espaço deixa de ser enfatizado, a favor do lugar, uma vez que este pressupõe o que é específico, pró-

prio da dimensão da experiência humana. O lugar surgiu, neste sentido, como contraponto ao conceito de espaço (CAPEL, 1981; GOMES, 1995).

Seguindo a sugestão de GOMES (1996, p. 316), a discussão sobre lugar na Geografia humanista será enfatizada a partir de duas matrizes: a primeira, estuda o espaço vivido a partir de “um certo psicologismo cultural e pela semiologia”; e a segunda, estuda o lugar a partir de uma visão fenomenológica.

O estudo do espaço vivido surge na França, nos anos 60, independentemente dos estudos da fenomenologia, desenvolvidos pelos geógrafos anglo-saxões. Dentre os principais expoentes estão Frémont, Gallais, Chevalier, Bertrand e Metton (HOLZER, 1992), que usavam como referência a Geografia Francesa, principalmente a desenvolvida por Vidal de La Blache. Neste trabalho, destacarei, de forma direta, apenas o trabalho de FRÉMONT (1980).

Inicialmente este autor aborda o entendimento de região e, posteriormente, insere a discussão sobre o lugar. A região é um espaço vivido, e, como tal, não é um objeto evidente, com existência em si mesmo. É um reflexo, uma ordem simbólica carregada de sentidos. Enquanto espaço vivido, apresenta componentes históricos, econômicos, administrativos, ecológicos, mas, sobretudo, componentes psicológicos. O espaço vivido, por outro lado, expressa-se em forma de combinações encaixadas e hierarquizadas. Neste sentido, o lugar aparece como um nível superior ao espaço infra-local – que corresponde ao entorno do corpo – e inferior ao espaço social – com extensão de bairro, aldeia etc. – à região – não definida pelo autor, em termos de dimensão – e ao domínio – extensão intermediária entre a região e a superfície do globo.

O lugar é formado pelas combinações mais simples, mais elementa-

“A região é um espaço vivido... É um reflexo, uma ordem simbólica carregada de sentidos...”

res dos estudos, uma vez que a dimensão infra-local não é de interesse habitual da geografia.

“O lugar aparece como elemento essencial da estrutura do espaço. Abrange um espaço reduzido, mas bem definido e não sem alguma extensão: a casa, o campo, a rua, a praça... Associa grupos de pequena dimensão mas de forte coerência: a mesma família, a mesma profissão, a mesma frequência quotidiana” (FRÉMONT, 1980, p. 116).

Mas, enquanto combinação elementar, o lugar apresenta-se de forma muito variada. Para isso, o autor adota uma classificação funcional com o intuito de melhor estudá-lo: lugares para habitar – a casa; para trabalhar – oficina, escritório, etc; para trocar – escritório, loja, mercado; e inúteis – vão além da troca e do trabalho; pressupõem contemplação, frustração, conquista, evasão: são as florestas, os bosques sagrados das aldeias africanas, são ruas estreitas, sombrias; são praias extensas.

Para estes estudos, a metodologia é flexível, varia conforme a realidade enfocada e a busca de leis gerais, de determinações e de regularidades, cede espaço ao individual, a diferenciação, a partir de um quadro interpretativo das realidades vividas, vistas, também, a partir da compreensão dos signos e representações simbólicas no espaço. A psicologia genética de Piaget, a sociologia e a psicanálise, aliadas aos estudos geográficos da escola vidalina, são os fundamentos dos estudos de Frémont (HOLZER, 1992).

2 A Geografia científica que os humanistas criticam é dogmática, pois só considera dados observáveis; abstrata, pois negligencia a descrição de experiência; e estreita, pois menospreza o estudo das significações, dos valores e das emoções (ENTRIKIN, 1980). Outras críticas também podem ser encontradas em BUTTIMER (1985).

“O espaço é liberdade, o lugar é segurança; se espaço é movimento, o lugar é uma pausa.”

A segunda visão de lugar agrega nomes como Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph, John K. Wright, David Lowenthal, dentre outros e é consubstanciada na fenomenologia³. Destacarei, especificamente, as contribuições de TUAN (1983) e RELPH (1976, 1979), pois foi através destes que a fenomenologia apareceu mais claramente na Geografia, a partir dos anos setenta.

Para TUAN (1983), através da experiência, os significados de espaço e lugar se unem. O espaço é liberdade, o lugar é segurança; se espaço é movimento, o lugar é uma pausa. O lugar é diferença, pois é o conhecido, experienciado e dotado de valor. O espaço seria, dessa forma, o indiferenciado, pois não é conhecido. Como o próprio autor enfatiza, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar a medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6). Para demonstrar isso, o autor usa a metáfora de um labirinto. Primeiramente, a pessoa só conhece a entrada do labirinto;

além da entrada está o desconhecido, o que deve ser explorado, descoberto e experienciado. À proporção que explora o labirinto internamente, referências começam a ser distinguidas e passam a ser usadas no sentido de facilitar os movimentos. E, finalmente, o que era desconhecido, o que deveria ser descoberto – o espaço – transforma-se em pontos de referências e caminhos já familiarizados, ou seja, transforma-se em lugar.

O fundamento do lugar é, então, a experiência, entendida como sendo as maneiras pelas quais a realidade é construída e conhecida por um indivíduo. A visão, o paladar, a audição, o tato e o olfato são maneiras diretas de experienciar a realidade. É indireta quando o conhecimento nos chega, por exemplo, através de livros, de pessoas, meios de comunicação. Todas as maneiras, direta e indireta, compõem o quadro individual da realidade, mas quanto mais próximo os lugares estão das pessoas, maior será a experiência direta.

Através das experiências direta e indireta, o lugar se elastece pelas diversas escalas espaciais. O lugar, tanto pode ser uma lareira, como pode ser o cosmo. Inclusive, o autor, ao se referir ao caráter experiencial da criança, chama a atenção de que a mãe é o seu primeiro lugar. Posteriormente, a proporção que vai crescendo, amplia-se o seu lugar, pois vai conhecendo e aprendendo novas coisas a respeito da realidade. Enquanto os pequenos lugares podem ser conhecidos, através dos sentidos como cheirar, tocar e ver, os grandes lugares – o Estado-Nação, por exemplo – estão muito além de uma experiência direta em virtude da dimensão. Todavia, os símbolos veiculados em forma de signos (hino, bandeira, etc), rituais e tradições culturais, podem transformá-los em lugar ao criar um sentimento de pertencimento àquele Estado-Nação. (TUAN, 1985).

Outro aspecto fundamental, diz respeito ao tempo para o espaço se transformar em lugar, pois como o próprio autor aponta, sentir um lugar leva mais tempo do que conhecê-lo de forma abstrata.

“Se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos”. (TUAN, 1983, p. 203)

Quer dizer, a permanência é um aspecto fundamental, no entanto, a qualidade e a intensidade da experiência tornam-se mais importantes que a duração para sentir o lugar.

Ao contrário de FRÉMONT (1980), TUAN (1983) não estabelece uma classificação para os lugares. Ele destaca a dimensão íntima que se tem com o lar, a praça e a cidade natal, por exemplo, em virtude da apreensão direta pelos sentidos, como olfato, tato, visão e audição. Ao invés de valorizar o aporte da psicologia de Piaget e da psicanálise presentes na obra de Frémont, Tuan valoriza a fenomenologia, buscando, com isso, criar legitimidade e autonomia da Geografia humanista.

Outras contribuições desta abordagem surgem por intermédio de RELPH (1976 e 1979). Este autor expõe, em 1976, que do lugar conhecemos o mundo de forma pré-consciente. É a nossa referência de afeição, de obrigação e de vida. É por isso que talvez seja, culturalmente, o mais importante dos três (espaço, paisagem, lugar), apesar de estarem completamente articulados, não sendo possível definir limites precisos. O lugar pressupõe familiaridade, envolvimento e experiências diretas, enquanto que, na paisagem, por exemplo, somos apenas observadores. Além de ser experiencial, é constituído de propriedades, tais como: localização, paisagem e tempo. A análise destas propriedades esclarece a sua essência. Porém, a localização durável não apresenta condições necessárias e suficientes para se definir o lugar. Para tanto, o autor dá exemplos de tribos indígenas que podem demolir suas aldeias de tempos em tempos e reconstruí-las em outros lugares, man-

³ Segundo RELPH (1979), a paisagem, o espaço e o lugar, são as bases fenomenológicas na Geografia. A fenomenologia, segundo o referido autor, é um método que objetiva “descrever, não explicar, fenômenos de experiência imediata, e estes, incluem, literalmente, qualquer coisa experimentada – lugar, silêncio, existência e contato interpessoal” (RELPH, 1979 p. 04). Para BUTTIMER (1985), a fenomenologia busca superar o dualismo subjetivo/objetivo, pois, enquanto a subjetividade concentra-se na experiência individual e a objetividade, na busca de generalizações e propostas testáveis para as experiências, a intersubjetividade ou modo fenomenológico, objetiva deixar claro a relação dialógica entre indivíduos e a subjetividade do seu mundo.

tendo estreitos vínculos com a nova morada; e da mobilidade das pessoas em sociedades industrializadas que aparentam não terem lugares, mas que estabelecem vínculos rapidamente por onde passam.

O lugar também tem “cara”, aparência, paisagem, que pode ser descrita. É onde está assentado o seu espírito, pois expressa concentração de atividade humana e, conseqüentemente, sentido e experiência. Por outro lado, o lugar passa por mutabilidade através dos tempos, na medida em que as edificações e paisagens mudam. Em virtude disso, perde e ganha significados. Muitas vezes desaparecem em virtude de guerras, de falência de suas atividades econômicas etc., outros assumem novos significados como ponto de atração para turistas. O restabelecimento e a permanência de lugares são reforçados por rituais e tradições. Sem isso, sua mutabilidade e efemeridade se ampliariam. (RELPH, 1976)

Diferentemente de FRÉMONT e TUAN, RELPH (1976, p. 44) se dedicou muito mais à análise da identidade do lugar, que é “tanto uma função de intenções e experiências intersubjetivas quanto de aparências de edificações e paisagem, e ela se refere não apenas a distinções de lugares individuais, mas, também, a semelhança entre lugares diferentes”. Além disso, a identidade é dinâmica, pois pode sofrer modificações com a importação de modelos de fora, e é mais que a referência geográfica ou pontos no mapa. A identidade do lugar é constituída dos seguintes componentes: cenário (meio físico), atividades e significados. Enquanto os dois primeiros se expressam melhor aos nossos olhos, o terceiro é mais difícil de ser apreendido. Desses componentes, é possível identificar a autenticidade e a inautenticidade dos lugares.

O autor também destaca vários níveis de intensidade da identidade com relação aos lugares, que ele chama de insiderness e outsidersness. A partir de sua proposta tipológica, é possível perceber plena identificação, que seria existencial insiderness; exis-

tência de alguma identidade – impathetical insiderness; estar dentro em termos de comportamento – behavioral insiderness; como também indivíduos que incidentalmente constroem identidade com o lugar – incidental outsidersness; ou estão fora objetivamente – objective outsidersness, dentre outros.

A outra discussão fundamental que está totalmente vinculada às anteriores, refere-se a lugares e não-lugares, e atitudes autênticas e inautênticas. Para RELPH (1976), os argumentos de que os lugares e paisagens existentes em sociedades pré-industriais estão sendo erradicados, para serem criadas paisagens monótonas e planas, indicam a possibilidade de uma Geografia do não-lugar, que pressupõe superficialidade de experiências e ausência de adaptação. É constituída de paisagens parecidas e de atitudes inautênticas que, por sua vez, dizem respeito ao que não contém identidade e consciência a cerca do significado profundo e simbólico dos lugares. Significa o não senso de lugar, onde estariam ausentes lugares significativos e com expressão intencional.

Estas atitudes inautênticas com relação aos lugares podem ocorrer a partir da aceitação inconsciente ou sem crítica de valores veiculados pelos meios de comunicação de massa; ou de forma consciente, objetivando alcançar certa eficiência de lucratividade nos negócios. Já as atitudes autênticas referem-se a experiência direta com relação ao lugar; referem-se a familiaridade e ao vivido, é genuíno, próprio, profundo e não adulterado. Mas o fato é que a tendência é de prevalecer a inautenticidade e, conseqüentemente, do homogêneo, do não lugar.

Estas são, de forma abrangente, as principais idéias extraídas dos trabalhos de RELPH (1976, 1979). E, como já foi visto, tanto RELPH como os outros autores citados, ao criticarem a visão mecanicista e determinista da Geografia teórica e das outras correntes, deixaram de dar ênfase ao espaço e valorizam o lugar. Isso

“...há uma completa união entre o pesquisador e o objeto pesquisado...”

representa uma reação contra a explicação que os racionalistas faziam da realidade por intermédio do espaço. O lugar é de onde se conhece o mundo, a partir da vivência e da experiência; é o específico, o próprio. Como o próprio RELPH (1979) enfatiza, o lugar pressupõe familiaridade, experiência direta, criadora de identidades. Aqui está a sua pontencialidade no sentido de compreensão da realidade, pois ao invés de grandes generalizações e elaborações de leis e explicações, a realidade é apreendida via descrição das vivências e experiências que existem no lugar. Neste caso, há uma completa união entre o pesquisador e o objeto pesquisado.

Posteriormente, esta abordagem em torno da vivência foi alvo de várias críticas, principalmente, quanto a possibilidade da homogeneização do espaço e da emergência dos não-lugares. Um dos primeiros a enfatizar a importância do lugar no contexto da globalização foi HARVEY (1992). Para este autor, apesar da redução das barreiras espaciais devido a ascensão recente de um novo regime de acumulação flexível, mais do que nunca as qualidades ímpares dos lugares assumem um papel fundamental, em termos de recursos naturais, culturais, econômicos. Recentemente, PEET (1998) criticou o caráter nostálgico do lugar enfatizado pelos humanistas, pois, segundo ele, isso induz a uma visão preconceituosa e que forma a base de versões conservadoras de localismo. Por outro lado, chama a atenção que a ênfase dada ao caráter experiencial, faz com que o lugar pareça ser destituído de qualquer relação de poder, de desigualdade, de conflitos os mais diversos: um santuário.

Outras críticas também surgiram por intermédio de ENTRIKIN (1980),

“ É necessário se pensar um senso de lugar que vá além das concepções conservadoras, internalistas e calcado no localismo competitivo. ”

que chama a atenção para os limites desta corrente como alternativa viável para a Geografia. Inclusive, muitos dos argumentos dos humanistas, “reenfatizam velhos problemas das ciências humanas, tais como a importância da empatia, intuição, introspecção e outros métodos não empíricos de estudo” (ENTRIKIN, 1980, p. 6). Ou seja, os problemas são antigos, mas usados com novos vocabulários. Ainda segundo este autor, a Geografia humanista, ao criticar a Geografia dita empírica e não apresentar-se como alternativa viável, é apenas uma forma de criticismo.

Finalmente, GOMES (1996) esclarece o lado ambíguo da geografia humanista, uma vez que esta adotou a fenomenologia - visando com isso refutar o método clássico objetivo - mas preservou o subjetivismo, presente na corrente intuicionista⁴. Isso é ambíguo, pois a fenomenologia refuta tanto o objetivismo quanto o subjetivismo. Com isso, a leitura do lugar pelos humanistas expressa, de certa forma, esse aspecto.

2. O LUGAR COMO EXPRESSÃO DA SINGULARIDADE

Como já foi enfatizado, a segunda abordagem está vinculada a geógrafos da corrente crítica ou radical, mais especificamente ligados ao marxismo. Neste sentido, darei destaque as contribuições de MASSEY (1994), SANTOS (1988, 1994, 1996) e CAR-

LOS (1996). Porém, me concentrarei mais no segundo autor, pois é quem apresenta o maior volume de publicações sobre o tema no Brasil.

É necessário se pensar um senso de lugar que vá além das concepções conservadoras, internalistas e calcado no localismo competitivo. Este é um dos principais desafios enfrentados por MASSEY (1994) para construir um senso de lugar no contexto da compressão do tempo e do espaço. Para Massey, é insuficiente explicar a nossa compreensão e experiência do espaço apenas pela crescente internacionalização do capital. Fatores como gênero e raça, por exemplo, também têm influência direta na nossa experiência. Além disso, a compressão do tempo e do espaço não atinge as pessoas com a mesma intensidade. Neste sentido, um senso de lugar progressista se impõe e deve ser desenvolvido considerando que os lugares não possuem sentido e identidade únicos, não tem limites precisos, e contém variados conflitos internos. São dinâmicos, e envolvem processos e interações. Ou seja, os lugares pressupõem identidades e relações com escalas mais amplas.

Nas obras de SANTOS (1988, 1994, 1996) a discussão sobre lugar está inserida nas transformações da sociedade engendradas pelo processo de globalização. Gestado no século XVI com a expansão comercial europeia, o projeto de intensificação e ampliação de relações econômicas, políticas e sociais se expressou de forma mais acentuada após a II Guerra Mundial, se aproveitando fundamentalmente da revolução científica e tecnológica. As consequências desse processo na sociedade são as mais

diversas, as quais vale ser ressaltada a formação de um meio técnico, científico e informacional que fez emergir uma universalidade constatada em fatos:

“Universalização das trocas, universalização do capital e de seu mercado, universalização da mercadoria, dos preços e do dinheiro como mercadoria-padrão, universalização do modelo de utilização dos recursos por meio de uma universalização relacional das técnicas, universalização do trabalho, isto é, do mercado de trabalho e do trabalho improdutivo, universalização do ambiente das firmas e das economias, universalização dos gostos, do consumo, da alimentação”. (SANTOS, 1988, p. 14)

São condições históricas, concretas, aptas a construir uma Geografia geral, onde pequenas frações do espaço mundial podem ser compreendidas à luz do espaço global, como também implica a possibilidade de se trabalhar concretamente as categorias filosóficas - universal, particular e singular, e também - forma, função, processo e estrutura. Esta vinculação entre concretude das condições históricas e as categorias filosóficas acima referidas, ao ser transcrita para o discurso geográfico possibilitou a redescoberta do lugar, enquanto expressão geográfica da singularidade. Com isso, acredita-se que a dicotômica discussão filosófica entre realistas e nominalistas interiorizada na Geografia e expressa via Geografia geral X Geografia Regional foi ultrapassada, pois ao invés de pólos antagônicos, a realidade é composta de universalidade/singularidade, uniformidade/diferenciação⁵.

Como a universalidade é consta-

⁴ O intuicionismo busca entender o significado da ação humana, capturar o seu interior. Além disso, valoriza as singularidades de eventos históricos, e é contrário a transplantação de explicações das ciências naturais para as ciências sociais. AGNEW (1976)

⁵ O realismo e o nominalismo, são duas tendências na história da Filosofia. Os adeptos do realismo conferem ao geral uma forma autônoma, real e independente do lugar; os nominalistas, por sua vez, defendem que é o singular, o independente (CHUPTULIN, 1982). Com base no referido autor, essa visão dual e defeituosa da realidade é definitivamente rejeitada por intermédio da filosofia marxista, uma vez que entre o universal e o singular existe uma interpenetração intermediada pelo particular. O singular é o que não se repete, é o que é próprio; mas no singular está presente, também, o que se repete, o que é geral. Logo, o universal está presente no singular, já o particular é a unidade entre os dois, contendo, portanto, o singular e o universal. Existe, dessa forma, uma interpenetração dos fenômenos da realidade.

tada em fatos, é possível pensar também numa totalidade concreta, que permite ser compreendida por intermédio das categorias *forma*, que é o aspecto visível e exterior de um objeto; *função*, que se refere à atividade desempenhada pelo objeto; *estrutura*, como sendo a maneira pela qual os objetos estão organizados; e *processo*, que é ação (SANTOS, 1985).

A adoção dessas categorias na Geografia vem permitindo a vinculação lugar/singularidade, globalização/universalidade (SANTOS, 1988, 1994, 1996) e região/particularidade (CORRÊA, 1997). Inclusive, SANTOS (1988) chama a atenção que as grandes generalizações tentadas sem grandes sucessos pelos clássicos da Geografia, hoje são possíveis, a partir dos lugares, como também é possível retomar, hoje, o antigo entendimento da Geografia como ciência dos lugares. Mas, ao contrário da tradicional visão ideográfica, o lugar, dentro dessa abordagem, é compreendido à luz do espaço Global. Porém, é um subespaço, uma funcionalização do mundo, não é um fragmento (SILVEIRA, 1993)⁶. Dito de outra forma, é a própria totalidade e, por isso, pode ser compreendido via forma, função, processo e estrutura. Mas o lugar, também contém fixos e fluxos. Os fixos são “os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral” (SANTOS, 1988, p. 77). Estes fixos podem ser estudados através de objetos geográficos; os fluxos, por sua vez, pressupõem interação, movimento, circulação.

Os lugares, enquanto funcionalização do mundo, são moldados visando beneficiar as firmas e as classes hegemônicas. Os que apresentarem maiores virtualidades técnicas (infra-estrutura, acessibilidade, equipamentos), organizacionais (leis, impostos, relações trabalhistas, mão-de-obra qualificada etc.) e naturais - hoje com menor importância relativa dentro do processo produtivo - estão mais

aptos a atrair investimentos externos. Estas vantagens buscam atrair a produção, como também consumidores, fazendo com que se estabeleça uma acirrada competição entre os lugares, onde alguns “ganham” e outros “perdem”. Os que “ganham” contém maior densidade técnico-científica, são funcionalmente especializados, e, por isso, apresentam maior intensidade de fluxos de entradas e saídas. Os que “perdem”, podem entrar em estagnação. Com isso, amplia-se a diferença hierárquica entre os lugares, pois, apesar de estarem unificados por intermédio de múltiplas redes técnicas, nem todos são atingidos com a mesma intensidade pelo processo de globalização (SANTOS, 1994).

Por outro lado, os lugares, ao serem redefinidos por interesses próximos e longínquos, locais e globais, são focos de resistência contra a lógica de acumulação global. Segundo SANTOS (1994), no lugar ocorre a união dos homens pela diferença e pela cooperação, apesar da existência cotidiana de conflitos. É onde são tecidas relações primárias, identitárias e cotidianas, pois pressupõe proximidade e contiguidade que favorecem o fortalecimento de laços de solidariedade, capazes de gerar resistências contra a ordem determinista global (SANTOS, 1996). Assim, o lugar, o singular, apesar de conter o universal (global) e ser duramente afetado por este, também apresenta suas contingências, engendradas internamente, em virtude do cotidiano e dos laços de solidariedade que são estabelecidos entre os agentes. É dessa forma que a lógica de acumulação global pode ser contrariada no lugar.

Outro aspecto fundamental a destacar na discussão é a dimensão do lugar, que oscila do tamanho de uma cidade grande ou pequena a uma região. Como o próprio autor destaca, a distinção entre lugar e região é, hoje, menos relevante. Para ele, “a região pode ser considerada como um lugar, desde que a regra da unidade e da continuidade do acontecer histórico se verifique” (SANTOS, 1996, p. 132). Portanto, a escala que contém o lugar, passa, também, a conter o regional.

“... no lugar a globalização se materializa e do lugar é possível entender o mundo com suas variadas dimensões.”

Por outro lado, apesar da relativização das determinações gerais com o reconhecimento das singularidades, que contém contingências, fica pouca clareza com relação a extensão e a diferenciação entre lugar e região. Dessa forma, utilizar lugar como região ou região como lugar, é negligenciar a escala de pertinência dos fenômenos, pois o local e o regional, apesar de serem interpenetrados, são grandezas diferentes, e os fenômenos não se expressam da mesma forma em todas as escalas.

A contribuição de CARLOS (1996) sobre a temática em pauta, também se insere nas transformações recentes engendradas pela globalização. Baseando-se nas contribuições de Milton Santos, a autora afirma que o lugar pode ser definido a partir das densidades técnica (que se refere as técnicas que estão inseridas na organização do território), informacional (que define os lugares a serem tecnicamente atingidos), comunicacional (referente a interação social) e normativa (conjunto de normas estabelecida no local). Contudo, a autora argumenta que além dessas densidades, é necessário acrescentar também o papel da história particular de cada lugar, que se realiza por intermédio da prática cotidiana e em função da cultura, da tradição, da língua e dos hábitos internos. Ou seja, o lugar deve ser entendido por intermédio de uma dimensão interna, vinculada a sua história, e uma dimensão externa, que se impõe, através do processo de globalização. Segundo a autora, *no* lugar a globalização se materializa e *do* lugar é possível entender o mundo com suas variadas dimensões.

⁶ Neste aspecto, o fragmento seria uma reação à totalidade. Seria uma visão de desconstrução pós-moderna, no qual os fatores de explicação do lugar encontram-se no próprio lugar, e não via a totalidade determinista. (SILVEIRA, 1993).

“...é através da corporeidade que o homem apreende o mundo e se apropria do espaço.”

Neste sentido, o lugar é, para a autora, o próximo, o imediato. É a rua, a vila, a praça. É onde pode ser sentido, apropriado através do corpo, pois é através da corporeidade que o homem apreende o mundo e se apropria do espaço. Dessa forma, a metrópole não é um lugar pois só é parcialmente vivida pelo corpo. Na verdade, a metrópole é constituída por lugares: os bairros, as praças, os guetos etc. A cidade, de uma forma geral, só é lugar se for pequena o suficiente para ser vivida e conhecida nos seus detalhes.

Como foi exposto, as duas abordagens de lugar atualmente predominantes são tributárias de matrizes filosóficas diferenciadas que se fizeram presentes, de forma dual, no discurso da Geografia desde os seus primórdios como disciplina acadêmica no século XIX (GOMES, 1996). A abordagem da vivência, engendrada por geógrafos ligados ao humanismo, combate a razão como único princípio legítimo do saber. Dar destaque predominante à fenomenologia, surge como reação ao neo-positivismo e aos excessos mecanicistas e deterministas adotados pela Geografia Clássica. Com isso, abriu outras possibilidades de estudos na Geografia ao valorizar a diferença e a subjetividade.

A segunda abordagem, calcada na singularidade, está sendo desenvolvida por geógrafos ligados a tradição crítica ou radical da geografia. Neste caso, especificamente referindo-se a Milton Santos, pois é o que tem maior quantidade de trabalhos sobre o tema, a busca é de uma proposta capaz de unir o macro ou micro espaço a partir da concretização da universalidade pela globalização. O lugar é um subespaço, uma funcionalização do todo, e é capaz de ser analisado à luz do espaço global por inter-

médio de categorias como forma, função, processo e estrutura. Ao contrário dos humanistas, o fundamento aqui é racionalista, onde primam a totalidade, o objetivismo e o determinismo. Com isso, na busca de vinculação entre macro e micro, é o primeiro quem determina.

CONCLUSÃO

Como foi demonstrado neste trabalho, o termo lugar é rodeado de controvérsias por apresentar variadas significações, tanto no senso comum, como nos estudos acadêmicos. É um termo polissêmico. Evidenciou-se, também, que o referido termo, mesmo sendo chave na Geografia, é o menos elaborado, apesar de não ser novo.

A revalorização do lugar só começa a ocorrer, a partir dos anos de 1970. Primeiro, por intermédio dos geógrafos humanistas e, depois, por parte de alguns geógrafos da corrente crítica ou radical. A primeira abordagem entende que é através dos significados, dos valores e da experiência vivida dos lugares que devemos entender a realidade; a segunda, representada neste trabalho, principalmente por Milton Santos, defende que a globalização propiciou uma universalidade concreta. Portanto, as categorias filosóficas de universalidade, particularidade e singularidade, podem receber um tratamento geográfico, sendo que o lugar é expressão da singularidade. De qualquer forma, a dualidade atual dessas duas abordagens – vivência e singularidade – expressa o desdobramento de um campo de tensões envolvendo racionalistas e antirracionalistas presentes na Geografia desde a sua formação como ciência.

Seja como for, a redefinição de lugar se impõe no dias atuais como uma ferramenta fundamental para se entender as recentes transformações da sociedade e do espaço. Neste sentido, faz-se necessário maior atenção para o contexto dos lugares, para suas solidariedades e engajamento cívico. Em recente estudo, PUTNAM (1996) demonstrou, mesmo estando centrado somente no desempenho institucional, o papel fundamental desempenhado

pelo contexto dos lugares, principalmente pela história e pelo engajamento da sociedade, para o desempenho das novas instituições implantadas na Itália. O fato é que o lugar concentra um potencial endógeno considerável, em termos sociais, culturais, políticos e históricos capazes de engendrar transformações marcantes na sociedade.

Por outro lado, AGNEW (1987) assinala que, estruturas sociais e padrões de interação específicos, geram padrões específicos de comportamento político. Isso é comprovado pelo autor pois estudos efetuados mostraram que os motivos das variações dos resultados eleitorais, por lugares, encontram suas causas nos próprios lugares, e não no âmbito nacional. Por outro lado, o autor analisa, também, vários exemplos de persistência de padrões específicos de lugares, em termos de comportamento em votação, como também em ações coletivas que foram engendradas a partir de questões localizadas. Ou seja, o lugar não é amorfo, sem vida, somente tributário do global e do nacional. Quando se refere especificamente ao desempenho institucional, ao comportamento político – entendido de maneira ampla como greves, passeatas, reivindicações etc. – e, por extensão, a ações institucionais que visam o desenvolvimento local, o entendimento deve valorizar também o contexto da ação localizada. Isso não é paroquialismo e nem localismo conservador. É o reconhecimento das escalas de pertinência dos fenômenos e da realidade como sendo multi-escalar.

BIBLIOGRAFIA

- AGNEW, J. *Place and politics*. Boston: Allen & Unwin, Inc., 1987.
- AUGÉ, M. *Não-lugares*. São Paulo: Papirus, 1994.
- BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. 2ª ed. São Paulo: Difel, 1985. p. 165-194.
- CAPEL, H. *Filosofia e ciencia en la Geografia contemporânea: una introducion a la Geografia*. Barcelona: Barcanova S.A., 1981.
- CARLOS, A F A. *O lugar no mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CASTRO, I. E. Problemas e alternativas metodológicas para a região e para o lugar. In: Souza, M. A et al. (Orgs.). *Natureza e sociedade de hoje: uma leitura geográfica*. São Paulo: Hucitec/ANPÚR, 1993. p. 56-65.

- CHEPTULIN, Alexandre. O singular, o particular e o geral. In: CHEPTULIN, A A *dialética materialista*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982. p. 191-202.
- CLAVAL, P. *Evolución en la Geografía Humana*. Barcelona: Oikos-tau, 1974.
- CORRÊA, R. L. Região: a tradição geográfica. In: CORRÊA, R. L. *Trajéorias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 183-196.
- ENTRIKIN, J. N. *The Betweenness of place: towards a Geography of modernity*. London: Macmillan, 1991.
- _____. O humanismo contemporâneo em Geografia. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, n. 19, v. 10, p. 5-30, 1980.
- FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. *Território*, Rio de Janeiro, LAGET/UFRRJ, n. 9, p. 65-83, jul./dez, 2000.
- FIREY, W. El enfoque sociocultural: sentimiento y simbolismo como variables ecológicas. In: THEODORSON, G. A *Estudios de ecología humana*. Barcelona: Editorial Labor S.A, 1974, v. 1, p. 419-432.
- FRÉMONT, A. *À região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almadina, 1980.
- GOMES, P. C. C. *Geografia e modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HOLZER, W. A *Geografia Humanista - sua trajetória de 1950 a 1990*. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- LUGAR. In: HOLANDA, A. B. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- LUGAR. In: MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Editora Confluência, 1959, v.11.
- LUGAR. In: OLIVEIRA, C. *Dicionário cartográfico*. 2ª ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.
- LUGAR. In: SILVA, M. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Biblioteca Livraria Brasileira, 1961.
- MASSEY, D. A global sense of place. In: BARNES, T., GREGORY, D. (orgs.). *Reading human geography*. London: Arnold, 1997. p. 315-323.
- PEET, R. Existentialism, Phenomenology, and Humanistic Geography. In: _____. *Modern Geographical thought*. Oxford: Blackwell Publishers ltda, 1998. p. 34-66.
- PUTNAM, R. D. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- RELPH, E. *Place and placelessness*. London: Pion Limited, 1976.
- _____. As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, São Paulo, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.
- SANTOS, M. *Espaço & Método*. São Paulo: Nobel, 1985.
- _____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. *Técnica, espaço, tempo*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. *Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVEIRA, M. L. Totalidade e fragmentação: o espaço global, o lugar e a questão metodológica, um exemplo argentino. In: SANTOS, M. et al. (Orgs.). *Fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 1993.
- TUAN, YI-FU. *Espaço & lugar*. São Paulo: Difel, 1983.



IPA - Instituto de Pesquisas Aplicadas da UNIFACS

A instituição

O IPA é uma sociedade sem fins lucrativos vinculada programaticamente à UNIFACS - Universidade Salvador, uma instituição de ensino superior baiana que mantém em funcionamento 21 cursos de graduação universitária, quatro mestrados e dois doutorados, além de uma pós-graduação *lato-sensu*.

Objetivos

O IPA atua na área de pesquisa e extensão, executando os mais diversos serviços técnicos. Assim, através dos seus quadros, o IPA está apto a realizar os seguintes trabalhos:

- Pesquisa
- Planejamento, programas e projetos
- Estudos e análises
- Consultoria
- Treinamento

O IPA constitui-se em um centro de integração da Universidade com as empresas, as instituições públicas e privadas, procurando associar as atividades acadêmicas aos esforços que são promovidos pela sociedade na busca de novos patamares de desenvolvimento econômico e social.

Áreas de atuação

O IPA atua nas áreas que são objeto dos cursos superiores e da Pós-Graduação da

UNIFACS, constituindo-se em campo de atividades e estágios para os seus professores e alunos. Os cursos de graduação são os seguintes:

1. Administração de Empresas;
2. Arquitetura e Urbanismo;
3. Ciência da Computação (Análise de Sistemas);
4. Ciência da Computação (Suporte);
5. Ciências Contábeis;
6. Ciências Econômicas (Economia Empresarial);
7. Ciências Sociais (Consultoria, Planejamento e Pesquisa Sócio-Econômica);
8. Comércio Exterior;
9. Comunicação Social (Publicidade e Propaganda);
10. Comunicação Social (Relações Públicas);
11. Direito;
12. Educação Artística (Computação Gráfica);
13. Engenharia Civil;
14. Engenharia Elétrica;
15. Engenharia Mecânica;
16. Engenharia Química;
17. Hotelaria;
18. Letras (Tradução);
19. Matemática;
20. Psicologia;
21. Turismo.

Os mestrados são os seguintes:

1. Análise Regional (recomendado pela CAPES);
2. Rede de Computadores;
3. Regulação da Indústria de Energia;
4. Administração.

E os cursos de Doutorado são:

1. Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional (em convênio com a Universidade de Barcelona, Espanha);
2. Administração Pública (em convênio com a Universidade Complutense de Madrid, Espanha).

O IPA atua integrado com o Centro de Estudos do Desenvolvimento Regional - CEDRE, da UNIFACS, operando nas seguintes áreas temáticas de pesquisa:

1. Desenvolvimento Sócio-Econômico Regional;
2. Desenvolvimento de Organizações;
3. Tecnologia da Educação;
4. Processos de Comunicação e Cultura;
5. Turismo.

Localização

IPA - Instituto de Pesquisas Aplicadas

Rua das Violetas, 42 - Pituba
 Salvador - Bahia - Brasil
 CEP: 41.810-800 - Tel: (55-71) 452-6422
 Fax: (55-71) 452-1557
 E-Mail: ipa@unifacs.com.br